

O Retroflexo [ɾ] em Dados de Estilo Monitorado do ALiB: Uma Análise da Leitura em Sete Cidades Paulistas

Suely Claudia Lobato **MACIEL***
Edina de Fátima de **ALMEIDA****
Dircel Aparecida **KAILER*****

* Mestre pela Universidade Estadual de Londrina. Docente da Rede Estadual de Ensino do Estado do Pará. E-mail: suely.claudia.lobato@uel.br

** Mestre pela Universidade Estadual de Londrina. Docente da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. E-mail: edifatro@gmail.com

*** Pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da UEL. E-mail: ueldircel@hotmail.com

Resumo:

Os róticos, por suas diferentes realizações, têm sido objeto de estudo em várias pesquisas de cunho sociolinguístico e dialetológico Aguilera (2008), Botassini (2009), Callou, Moraes e Leite (2013), Almeida e Kailer (2016), Maciel (2018), entre outros. Ainda assim, parece-nos haver muito a ser investigado no que tange ao uso das variantes do /R/. Por essa razão, o presente artigo analisa, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), a realização do /R/ em coda silábica interna em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esses dados foram coletados a partir de leitura realizada por falantes de sete cidades do estado de São Paulo¹ e analisados com o objetivo de constatar se a variante retroflexa [ɾ] é produtiva em contextos formais de uso da língua. Após análise, constatamos que: a) os jovens estão utilizando o retroflexo de forma bastante significativa, o que indica a vitalidade da variante; b) nas cidades do interior do estado o uso de [ɾ] é mais frequente do que na capital; e c) a vogal baixa [a] e a média aberta [e] são as mais favoráveis à implementação da variante em estudo.

Palavras-chave:

Sociolinguística; Róticos; Retroflexo.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.24, n.3, p. 117-128, dez. 2021

Recebido em: 20/08/2021

Aceito em: 10/12/2021

¹ As sete localidades analisadas neste artigo foram: Campinas (ponto 173), Bragança Paulista (ponto 174), Guaratinguetá (ponto 176), Sorocaba (ponto 178), São Paulo (ponto 179), Capão Bonito (ponto 182) e Registro (ponto 186).

O Retroflexo [ɽ] em Dados de Estilo Monitorado do ALiB: Uma Análise da Leitura em Sete Cidades Paulistas

Suely Claudia Lobato Maciel; Edina de Fátima de Almeida; Dircel Aparecida Kailer

INTRODUÇÃO

Labov (2008) afirma que a variação é essencial à natureza da linguagem humana, que é indissociável dos fatores sociais (externos) que sobre ela agem. As pesquisas por ele realizadas em Nova Iorque acerca do uso do /R/ e na ilha de Martha's Vineyard sobre a centralização dos ditongos [ay] e [aw] são consideradas marcos consolidadores do estudo sistematizado da heterogeneidade linguística.

A partir desses trabalhos, o estudo da variação linguística ganhou corpo e vem sendo investigada em todo o mundo. O Brasil seguiu esta tradição e autores como Tarallo (1987), Callou (1987), Oliveira e Silva e Scherre (1996), Naro e Scherre (1999), Bisol (1999), entre outros, abraçaram inicialmente os estudos sociolinguísticos labovianos e trouxeram reflexões que vêm contribuindo, por exemplo, para que se compreendam as variações em diferentes níveis linguísticos que ocorrem no português brasileiro, como, no nível fonético-fonológico, por exemplo, que é o caso das múltiplas realizações para o fonema /R/ em coda silábica, objeto de análise deste trabalho.

Nosso objetivo geral é investigar, a partir dos dados coletados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)², as ocorrências das variantes do /R/, especialmente a retroflexa [ɽ], em coda silábica interna, na leitura de um texto pelos informantes de sete localidades do estado de São Paulo: Campinas, Bragança Paulista, Guaratinguetá, Sorocaba, São Paulo, Capão Bonito e Registro, respectivamente pontos: 173, 174, 176, 178, 179, 182 e 186 do ALiB.

Como objetivos específicos, temos:

- a) analisar os contextos linguísticos e extralinguísticos que influenciam no uso da variante retroflexa;
- b) verificar se o retroflexo de fato, vem ganhando força entre os falantes mais jovens do português brasileiro tal como demonstram os estudos de Botassini (2009), Aguilera e Silva (2011) e Oushiro e Mendes (2013), Almeida e Kailer (2017).

Seguindo o pressuposto por Tarallo (1997) de que, para compreender como a língua é de fato usada e do que é constituída, é necessário fazer uma correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, neste trabalho investigamos: (i) entre os contextos linguísticos, os segmentos precedentes e seguintes e a classe morfológica da palavra; e (ii) entre os contextos extralinguísticos, o sexo, a faixa etária e a localidade de origem dos informantes.

² “O projeto ALiB é de caráter nacional, teve início em 1996 e continua em desenvolvimento, com o objetivo de produzir um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. [...] a equipe do ALiB busca documentar diferentes tipos de variação linguística que possibilitam estabelecer, além das áreas dialetais, o predomínio do uso de uma variante mais coloquial ou mais formal nos falares brasileiros” (AGUILERA; KAILER, 2015, p. 2).

Esses contextos foram codificados e após a codificação, os dados foram submetidos à análise binomial por meio do Programa Goldvarb X³, que forneceu os resultados em percentual e peso relativo para análise, apontando os contextos mais relevantes para o uso da variante retroflexa [ɾ].

Por analisar os contextos que favorecem ou não a ocorrência da variante retroflexa, considerada marca linguística da fala caipira, como denominou Amaral (1982), em discursos mais monitorados de uso da língua (leitura), quando se espera que o informante faça uso da variante que considera de maior prestígio, acreditamos que este trabalho trará significativas contribuições para os estudos fonético-fonológicos e sociolinguísticos brasileiros.

SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística investiga a língua em seu uso concreto, visando compreender suas variedades e valorizar toda a heterogeneidade presente em seu sistema (COELHO, 2010). Ela surge, como já mencionado na introdução deste artigo, na década de 1960, a partir de estudos realizados por William Labov em Nova Iorque. Ela concebe, portanto, uma língua heterogeneamente estruturada, com regras categóricas (que não variam no seio da comunidade de fala) ocorrendo paralelamente a regras variáveis (que podem mudar de falante para falante). As diferentes realizações de /R/ em coda silábica fazem parte das regras variáveis, podendo, inclusive, variar na fala de uma mesma pessoa, como é possível perceber em dados de alguns informantes desta pesquisa.

Dentro dos estudos variacionistas, apresentam-se diferentes perspectivas de análise (ALKMIM, 2001), como as variações: a) Diatópica: relacionada ao espaço geográfico; b) Diastrática: relacionada a fatores sociais; e c) Diafásica ou Estilística: relacionada às variantes linguísticas utilizadas pelo falante em diferentes contextos e com objetivos também diferentes. Este último tipo de variação será a base para o trabalho aqui apresentado e, por esse motivo, falaremos mais sobre ela a seguir.

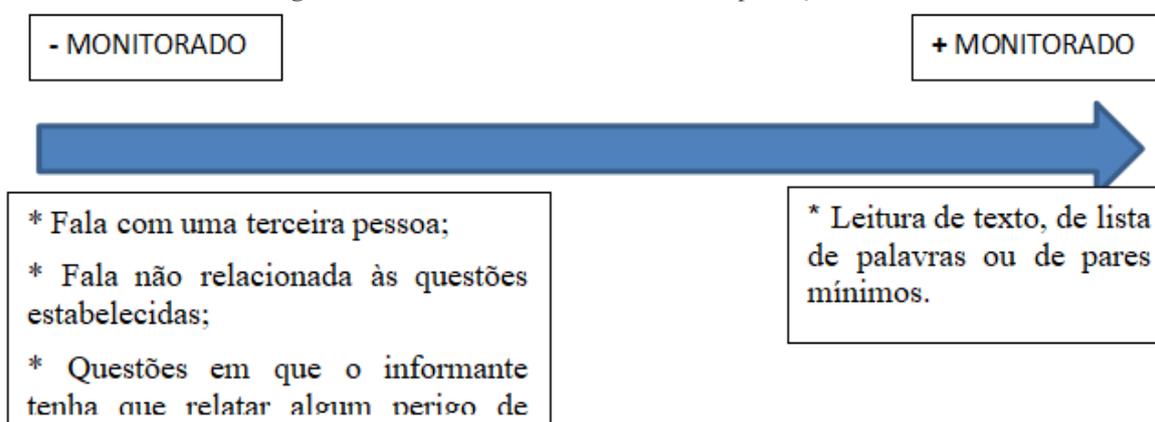
Variação Estilística

Hora (2011, p. 148) afirma que a palavra *Estilo* pode assumir diversas concepções na língua portuguesa. Contudo, ao relacionar o estilo ao uso da língua, ele o conceitua como “uma restrição que pode favorecer ou não a escolha de uma dentre as diferentes variantes que constituem uma variável”, corroborando o pressuposto por Botassini (2009, p. 101) de que “Dependendo da situação de formalidade da entrevista (mais informal e menos estruturada, mais formal e mais controlada), os informantes mudam a variante utilizada”.

Para Labov (2008), essa escolha está relacionada à atenção que o falante presta à fala, e é essa concepção de Estilo que adotamos neste artigo. A partir dessa percepção, o autor apresenta um *continuum* de monitoramento que vai desde a fala menos monitorada até a mais monitorada. Em uma entrevista sociolinguística, esse *continuum* poderia ser assim representado:

³ Goldvarb X é um programa de análise quantitativa para computadores, que fornece resultados em percentual e peso relativo, selecionando os contextos mais favoráveis à utilização de determinada regra variável.

Figura 1 - Continuum de monitoramento na produção da fala



Fonte: Produzido pelas autoras com base em Labov (2008)

A análise realizada para este artigo pauta-se em dados obtidos em situações de uso mais monitorado, uma vez que se trata da leitura de um texto, parte constitutiva da coleta de dados realizada pela equipe do projeto ALiB. Nessa leitura, observamos a realização dos róticos em coda interna, buscando perceber os contextos linguísticos e extralinguísticos que mais favorecem a utilização da variante retroflexa.

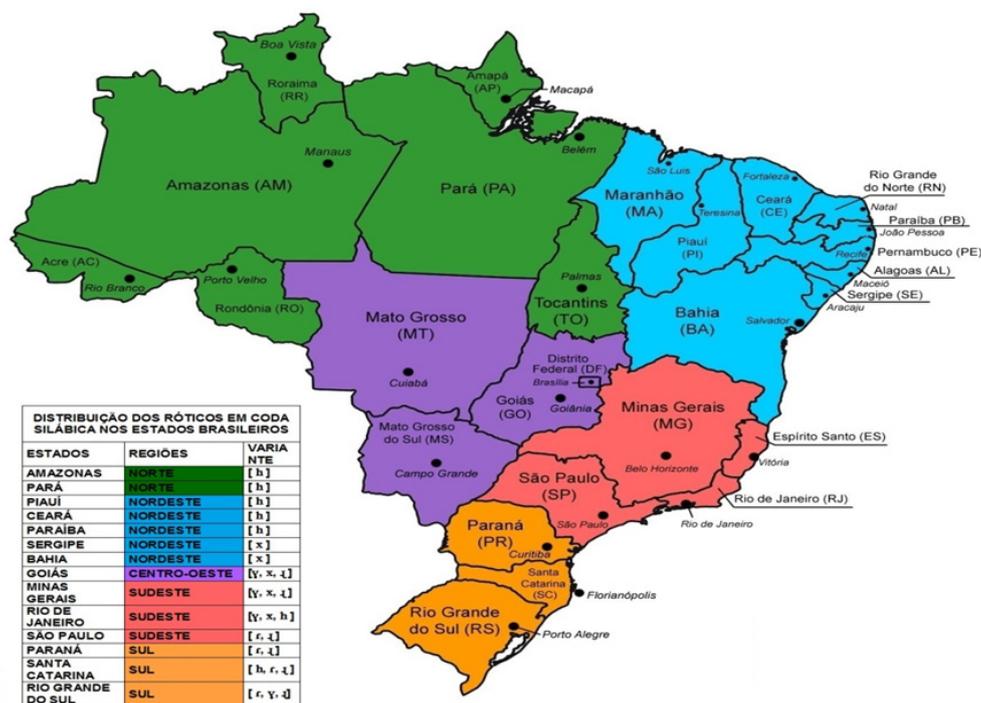
Antes de tratarmos especificamente dos róticos, cumpre-nos dizer que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, de modo bastante geral, objetiva fornecer dados coletados de forma empírica para que conheçamos o Português Brasileiro (PB). Neste sentido, mapeia a realidade linguística do PB nos seus diferentes níveis; estabelece isoglossas no intuito de demonstrar as diferenças dialetais de cada região; oferece esses dados a estudiosos para que dentro de suas perspectivas teórico-metodológicas possam atualizar, aprimorar, ampliar e aprofundar seus conhecimentos quanto à variedade linguística da Língua Portuguesa falada no Brasil. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 16). Passemos, então, a discorrer um pouco mais acerca dos róticos, especialmente o retroflexo [ɽ].

Os RÓTICOS

A grande diversidade de realizações que os róticos podem assumir na fala, especialmente em coda silábica, é, sem dúvida, um dos principais fatores de investigação desse arquifonema.

Callou e Leite (1996, p. 465) afirmam que o /R/ apresenta “em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil”. Bisol (1999) declara serem múltiplas as variantes para o /R/ posvocálico no português brasileiro. De acordo com Aguilera (2008, p. 1), “o /r/ em coda silábica é o fonema com possibilidade de se realizar com o maior número de variantes no português do Brasil, principalmente quando se consideram as dimensões diatópico-regionais”. Para Callou, Moraes e Leite (2013), o /R/ pode realizar-se na oralidade, em coda silábica, como vibrante alveolar [r], tepe [ɾ], fricativa uvular [ʁ], retroflexa [ɽ], fricativa velar [x], glotal [h] ou zero Ø. E Almeida e Kailer (2016) declaram, pautadas em Lindau (1985), que essas realizações são socialmente avaliadas de formas distintas, sendo algumas estigmatizadas ([r], [ɽ], [ɾ]) e outras prestigiadas ([h̃], [h], [ʁ], [x], [ɾ]). As autoras apresentam, ainda, uma distribuição das realizações do rótico pelo Brasil, conforme a figura 2 a seguir.

Figura 2 - Distribuição das realizações do rótico - Predominância



Fonte: Almeida e Kailer (2017, p. 4).

Como é possível verificar no mapa da Figura 2, a realização do rótico no território nacional mostra uma área mais ao norte em que predomina a variante glotal, boa parte da costa brasileira em que há o registro da velar/uvular – que é registrada desde Sergipe até o Rio de Janeiro, passando por Goiana, no interior do país – e a predominância das variantes vibrante alveolar, retroflexa e aproximante mais ao sul do país. Dessa diferentes variantes róticas, focalizamos, neste artigo, os estudos sobre a retroflexa [ɹ] que passamos a descrever.

Retroflexo [ɹ]

Nesta seção abordaremos a variante retroflexa. Ela se realiza, conforme Silva (2003, p. 34), pelo “levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro. Ocorrem no dialeto ‘caipira’ e no sotaque de norte-americanos falando português, como nas palavras mar, carta.”

Para Silva (2016), o retroflexo teve origem do contato entre o tupi e a língua portuguesa onde, hoje, há o estado de São Paulo, e se espalhou pelas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste a partir da incursão das Bandeiras pelo Brasil. Em 1920, Amadeu Amaral descreveu o uso do retroflexo, apresentando-o de forma estigmatizada, como marca do falar caipira. Marca essa que o autor associou aos paulistas de modo geral “O caipirismo não fazia parte apenas da linguagem, mas também da forma de vida dos paulistas.” (AMARAL, 1982, p. 41).

O estigma atribuído pelo autor ao retroflexo parece estar presente ainda hoje na avaliação que os falantes do português brasileiro fazem acerca do uso dessa variante. Almeida e Kailer (2017, p. 356), ao analisarem o uso de /R/ em coda silábica em dados do interior de Goiás, concluíram que “o único estilo que desfavorece a variante retroflexa é o de leitura (0,395)”. Ainda segundo as autoras, isso ocorre porque, na leitura, devido ao grau de monitoramento, o falante tende a usar a variante que considera mais prestigiada, o que pode demonstrar um possível estigma sofrido pelo retroflexo nessa região. Resultado que encontra ecos no postulado por Labov (2008) acerca dos diferentes graus de monitoramento estilístico.

Na mesma direção, no que tange ao preconceito linguístico atrelado à realização retroflexa, Botassini (2009), ao pesquisar crenças e atitudes linguísticas de falantes da cidade de Maringá-PR, constatou a ocorrência de deslealdade linguística da maioria dos informantes, uma vez que estes estigmatizam sua própria variante. No entanto, ao analisar a fala desses informantes em situações menos e mais monitoradas, a autora observou que os mais jovens preferem o uso do retroflexo, apresentando um falar mais característico do dialeto maringaense, embora afirmem que “os maringaenses não falam muito bem, que puxam muito o /r/, que não gostam da forma como os maringaenses falam” (BOTASSINI, 2009, p. 93).

Ainda que de maneira preliminar, percebe-se, em estudos como o de Botassini (2009), que a variante retroflexa em coda silábica está presente cada vez mais na fala dos jovens. Aguilera e Silva (2011) chegaram a resultados similares ao investigarem a comunidade de Lavras-MG, na qual os informantes da faixa etária 01 (18 a 30 anos) apresentam percentual de 55% de retroflexo para 45% de glotal, enquanto os da segunda faixa etária (50 a 65 anos), inversamente, apresentam 62% de glotal e 38% de retroflexo. Oushiro e Mendes (2013) também constataram maior incidência na pronúncia retroflexa entre os jovens paulistanos (0.550). Embora o peso relativo da variável tenha ficado próximo da neutralidade, ele é consideravelmente maior do que o relacionado às pessoas menos jovens (0.440).

Passemos, agora, à análise dos dados utilizados para a realização deste trabalho.

O CORPUS

A seguir, apresentamos a constituição e análise do corpus. Especificamos, primeiramente, as variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas e aquelas mais relevantes para a aplicação da regra variável de uso da variante retroflexa em estilo mais monitorado de fala em sete localidades paulistanas.

Constituição

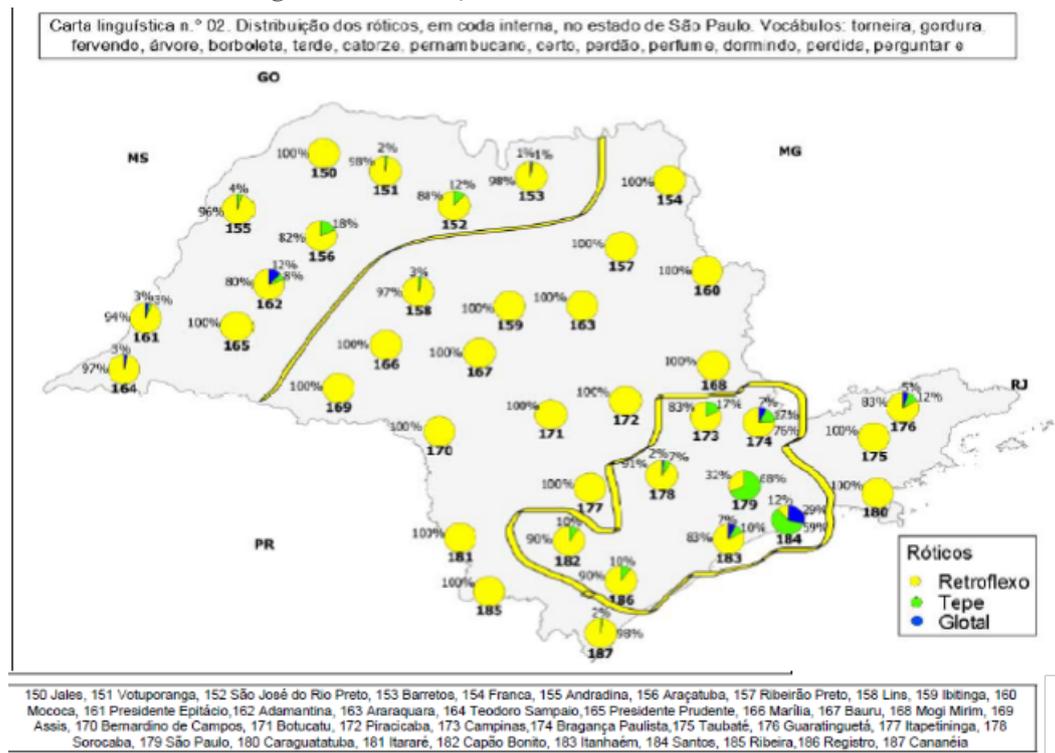
Para a elaboração do presente artigo, analisamos dados do ALiB coletados em sete cidades paulistas no que tange ao uso dos róticos em coda silábica interna. O estado de São Paulo foi escolhido para esta pesquisa por ser o berço da variante retroflexa (AMARAL, 1982[1920]). As localidades alvo foram selecionadas a partir da Carta apresentada por Silva (2016, p. 118) e reproduzida a seguir como Figura 3.

Nota-se, na parte inferior, uma área demarcada na qual ocorre variação de uso do rótico em coda interna entre as variantes retroflexa, tepe e glotal. Das sete cidades por nós escolhidas para este trabalho, seis estão dentro dessa área: Campinas (ponto 173), Bragança Paulista (ponto 174), Sorocaba (ponto 178), São Paulo (ponto 179), Capão Bonito (ponto 182) e Registro (ponto 186). Somente Guaratinguetá (ponto 176) encontra-se fora, mas incluída na análise por apresentar um comportamento semelhante ao das outras seis.

Vale ressaltar que a tese de Silva (2016) utiliza dados do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, ou seja, considera um estilo menos monitorado do que o da leitura dentro do *continuum* laboviano de variação estilística (LABOV, 2008). Neste artigo, trabalhamos com o extremo do *continuum*, analisando o mesmo fenômeno em dados coletados a partir da leitura realizada pelos mesmos informantes por ela investigados.

Sinalizamos ainda que, para cada localidade, o ALiB dispõe de quatro informantes: dois homens e duas mulheres da faixa etária 1 (18 a 30 anos) e dois homens e duas mulheres da faixa etária 2 (50 a 65 anos), com, preferencialmente, o ensino fundamental incompleto.

Figura 3 - Distribuição dos róticos em coda interna - SP



Fonte: Silva (2016, p. 118).

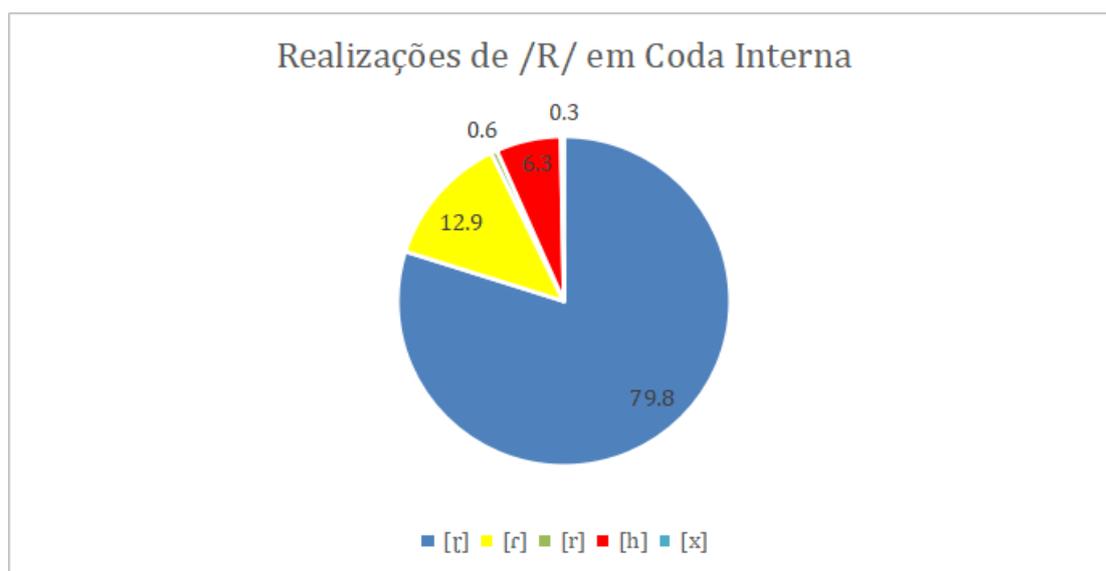
No texto selecionado para leitura pelo ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), a *Parábola dos sete vimes*, “texto já utilizado por Lacerda e Hammarström (1953) para análise de fatos fonéticos no português de Portugal” (CARDOSO *et al.*, 2014, p. 90), há 14 palavras com /R/ em coda interna (perguntou, partiu, parte, tornou, partir, parte-o, ordenou, esforçar, partir, força, estiverdes, paterno, fortes e irmãos). No entanto, é necessário esclarecer que nem todos os entrevistados produziram as 14 possibilidades de realização do rótico. Alguns informantes leram somente um trecho do texto, outros enunciaram palavras diferentes das que estavam escritas e que não apresentavam o rótico em coda silábica e houve dois casos de apagamento, em forte ([ˈfɔʁtʃi]), pronunciada por um homem da faixa etária 2 da cidade de São Paulo; e, em perguntou ([pɛŋgũˈto]), produzido por um homem também da faixa etária 2 da cidade de Capão Bonito, ambas ocorrências excluídas pelo fato de o apagamento não ser objeto de análise neste estudo. Por essas razões, nosso *corpus* ficou constituído por 317 palavras.

ANÁLISE

Após a identificação de todas as possibilidades coletadas e a exclusão dos dois casos de apagamento mencionados, detectamos a ocorrência de cinco variantes do rótico em coda silábica interna nas localidades pesquisadas: retroflexo [ɽ], tepe [ɾ], vibrante múltipla [r], glotal [h] e velar [x], conforme demonstrado no gráfico 1.seguinte.

É possível verificar, por meio da leitura do Gráfico 1, que a variante retroflexa é bastante produtiva nas localidades investigadas, tendo sido categórica na cidade de Capão Bonito, a qual, por não apresentar variação no uso dos róticos em coda silábica no recorte em estudo foi excluída da análise binomial.

Gráfico 1 – Realizações de /R/ em Coda Interna



Fonte: Elaborado pelas autoras com base na análise dos dados do ALiB.

Por ser nosso objetivo principal observar o comportamento do retroflexo nos dados analisados, fizemos uma nova codificação amalgamando as demais variáveis (glotal, velar, tepe e vibrante) em um único código para contrastar com o retroflexo. Submetemos, então, os dados ao programa Goldvarb X, que forneceu os resultados em percentual e peso relativo⁴ para análise, selecionando os contextos mais favoráveis ao uso de [t].

O primeiro fator selecionado pelo programa foi a faixa etária dos informantes, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Atuação da Variável Faixa Etária para a Implementação de [t] em Coda Interna

FAIXA ETÁRIA	APLICAÇÃO/TOTAL	%	PESO RELATIVO
01 (18-30 anos)	154/170	90.6	0.731
02 (50-65 anos)	99/147	67.3	0.240
Input: 0.876		Significância: 0.000	

Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados do ALiB.

A partir da leitura da Tabela 1, pode-se afirmar que as pessoas da faixa etária 01 – jovens – (0.731) estão utilizando a variante retroflexa de forma mais significativa do que as pessoas da faixa etária 02 (0.240). Essa conclusão vem ao encontro do que tem sido apresentado por pesquisas recentes, como as de Botassini (2009), Aguilera e Silva (2011) e Oushiro e Mendes (2013), que afirmam a manutenção e expansão do retroflexo. Este cenário nos faz pensar que, de fato, a proposição de Amaral (1982, p. 41) de que o chamado dialeto caipira “[...] acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve” estava equivocada.

Nossa hipótese para esse comportamento entre os jovens é a de prestígio encoberto, cuja noção, segundo Roncarati (2008, p. 52), “está associada à da identidade social, ao orgulho lingüístico, à pertinência a uma dada classe social ou comunidade de fala”, ou seja, o retroflexo é utilizado pelos jovens enquanto marca identitária regional. Contudo, ainda é necessária a realização de novos estudos para comprovar tal hipótese.

⁴ Os resultados em peso relativo devem ser lidos como neutros, quando estiverem próximos a 0,500, como menos favoráveis quando estiverem próximos de 0,000, e como mais favoráveis ao apagamento do /R/ quando se aproximarem de 1,000.

O segundo fator selecionado pelo programa como sendo mais significativo para a implementação da variante retroflexa foi a localidade de origem dos informantes, conforme demonstrado na tabela 02

Tabela 2 – Atuação da Variável Localidade para a Implementação de [ɾ] em Coda Interna

LOCALIDADE	APLICAÇÃO/TOTAL	%	PESO RELATIVO
GUARATINGUETÁ	37/38	97.4	0.926
REGISTRO	46/52	88.5	0.720
CAMPINAS	42/54	77.8	0.501
BRAGANÇA PAULISTA	28/38	73.7	0.332
SOROCABA	18/30	60	0.229
SÃO PAULO	28/51	54.9	0.165
Input: 0.876		Significância: 0.000	

Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados do ALiB.

Os dados apresentados na Tabela 2 demonstram que as cidades de Guaratinguetá (0.926) e Registro (0.720) são muito favoráveis à aplicação da regra variável de uso da variante retroflexa em coda interna, enquanto São Paulo (0.165), Sorocaba (0.229) e Bragança Paulista (0.332) são as que menos favorecem a aplicação dessa regra, já Campinas apresenta neutralidade quanto ao uso de [ɾ] (0.501).

É importante ressaltar que as seis localidades serviram como rota para os bandeirantes que adentraram o Brasil à procura de ouro, e que eram habitadas, originalmente, por autóctones falantes da língua tupi, o que corrobora com o pensamento de Silva (2016) acerca da origem do retroflexo estar ligada ao contato entre o tupi e a língua portuguesa.

Outra observação em relação aos dados da Tabela 2 é o fato de a capital paulista apresentar o menor peso relativo para a aplicação da variante retroflexa, o que nos sugere que o estigma enquanto marca da fala interiorana ainda caminha junto à variante retroflexa. Esta hipótese é reforçada pelo fato de as duas localidades que mais favoreceram o uso da variante serem as mais distantes geograficamente da capital paulista, respectivamente 176 e 185.9 km.

O terceiro e último fator elencado pelo programa como sendo relevante à implementação do retroflexo em coda silábica interna foi o contexto precedente, conforme exposto na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Atuação da Variável Contexto Precedente para a Implementação de [ɾ] em Coda Interna

FONEMA	APLICAÇÃO/TOTAL	%	PESO RELATIVO
[a]	103/119	86.6	0.638
[ɛ]	38/44	86.4	0.619
[o]	57/67	85.1	0.570
[ɔ]	32/42	76.2	0.425
[i]	12/20	60	0.152
[e]	11/25	44	0.081
Input: 0.876		Significância: 0.000	

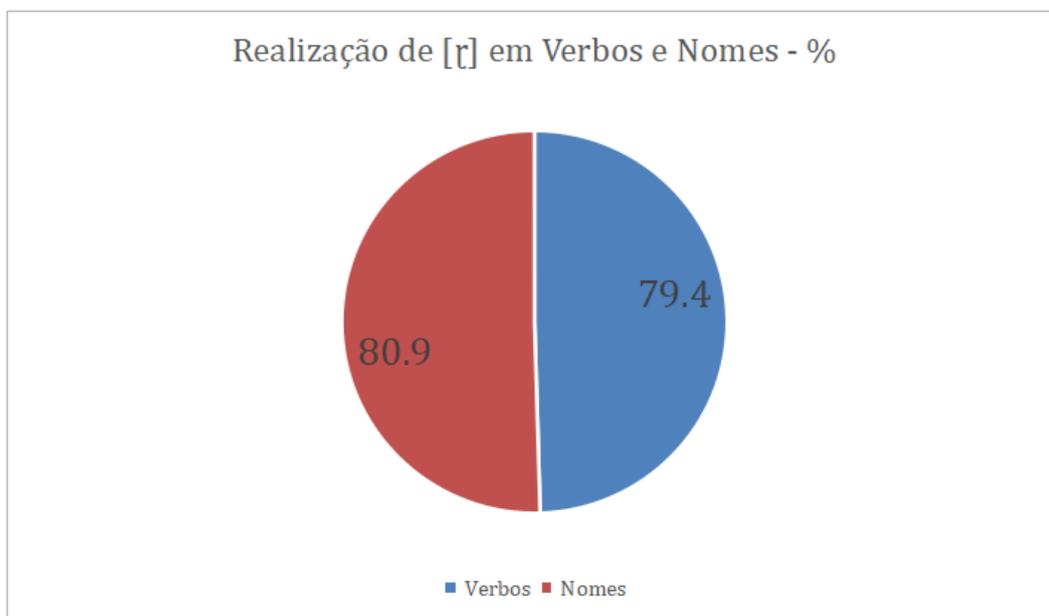
Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados do ALiB.

A partir da leitura dos dados apresentados na tabela 3, podemos observar que a vogal baixa [a] (0.638) e a vogal anterior média baixa [ɛ] (0.619) são as mais favoráveis à implementação do retroflexo; enquanto a vogal posterior média alta [o] (0.570) e a vogal posterior média baixa [ɔ] (0.425) encontram-se próximas da neutralidade; e a vogal anterior alta [i] (0.152) e a vogal anterior média alta [e] (0.081) desfavorecem o uso da referida variante. Esses dados corroboram, em parte, o que foi observado por

Oushiro e Mendes (2013) na cidade de São Paulo. Os autores concluíram que as vogais menos altas são mais favoráveis ao retroflexo (0.620), provavelmente porque essa variante também é realizada de forma menos alta. Parece-nos necessário um estudo com maior número de palavras para perceber se há, de fato, uma relação entre as vogais precedentes ao rótico e sua realização enquanto retroflexo.

Um dos fatores linguísticos por nós analisados, que não foi selecionado pelo programa, mas que consideramos importante, refere-se à classe gramatical, que dividimos em verbos e nomes, e que teve um percentual muito próximo de realização, conforme demonstra o gráfico 2.

Gráfico 2 – Realização de [ɾ] em Verbos e Nomes



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados do ALiB.

Em relação aos dados apresentados no Gráfico 2, verificamos que o percentual de realização do retroflexo em verbos e nomes é praticamente o mesmo, o que, provavelmente, foi decisivo para sua não seleção pelo programa. Resultado muito parecido ao encontrado por Oushiro e Mendes (2013) na capital paulista, onde nomes (0.510) e verbos (0.550) alcançaram, praticamente, o mesmo peso relativo no que concerne à implementação de [ɾ] em coda silábica interna. Esse resultado dá indícios de que a variável classe gramatical não tem influência no uso de uma ou de outra variante rótica em coda silábica interna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, realizado com o objetivo de averiguar se a variante retroflexa ocorre na leitura, contexto de maior formalidade, no qual, segundo Labov (2008), acredita-se que o informante use a variante que considera de maior prestígio, traz resultados que comprovam a vitalidade da referida variante, principalmente, no interior do estado de São Paulo conforme hipotetizávamos.

Comprova, também, nas sete localidades em estudo, que os informantes da faixa etária 1 (18 – 30 anos) utilizam a variante de forma mais significativa do que os da faixa etária 2 (50 – 65 anos), o que nos leva a crer que o retroflexo [ɾ], ao contrário do que fora afirmado por Amaral (1982), não tende a desaparecer rapidamente. Ele está ganhando força entre os informantes do interior do estado, podendo ser considerado como marca identitária regional. Resultado que encontra ecos nos estudos de Almeida e Kailer (2017) sobre a variante retroflexa no falar da região Centro-Oeste do Brasil.

No que concerne à realização do retroflexo no espaço geográfico paulista, constatamos que a capital é a localidade com menor percentual de utilização dessa variante, o que ratifica estudos já citados e que confirmam a estigmatização de [ɾ] enquanto marca da fala “caipira” e, por isso, a pouca utilização entre os falantes paulistanos.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do Atlas Linguístico do Paraná – PR: um estudo geolinguístico. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 23., 2008, Goiânia. *Anais* [...]. Goiânia: Faculdade de Letras, 2008, p. 1-14. Tema: Produção do conhecimento em Letras e Linguística: identidade, impacto e visibilidade.
- AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, K. A. J.; LINDSCHOUW, J. J. (ed.). *Les variations diastématisées et leurs interdépendances dans les langues romanes*: actes du Colloque DIA II à Copenhague. nov. 2012. Strabsbourg: Société de linguistique romane/ÉLiPhi, 2015. p. 19-21.
- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Dois momentos do / r / retroflexo em Lavras – MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 125-142, 2011.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 21-47.
- ALMEIDA, E. F.; KAILER, D. A. Róticos em coda silábica interna nas regiões sul e centro-oeste do Brasil. In: BARDEL, C.; MEO, A. (org.). *Falando línguas românicas*. Naples: [s. n.], 2016. p. 225-241.
- ALMEIDA, E. F.; KAILER, D. A. O /R/ em coda silábica no interior de Goiás em dados do Atlas Linguístico do Brasil. *Gallecia*: Estudos de linguística portuguesa e galega, Santiago de Compostela, p. 347-362, 2017.
- ALMEIDA, Edina Fátima. Os Róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1982.
- BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 1999.
- BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. *Signum*: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 85-102, jul. 2009 .
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014. v. 1.
- CALLOU, D. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. [Rio de Janeiro]: UFRJ: PROED, 1987.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Consoantes em Coda Silábica: /s, r, ʎ/. In: ABAURRE, M. B. M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*: volume VII: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.
- COELHO, I. *Sociolinguística*. Florianópolis: UFSC, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (BR). *Atlas lingüístico do Brasil*: questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.
- HORA, D. da. A variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], p. 147-188, 2011. Número especial.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MACIEL, Suely Claudia Lobato. *O apagamento do -R em textos escritos por alunos da EJA de Belém do Pará: uma proposta de intervenção pedagógico-variacionista*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2018.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999. p. 26-37.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia de (-R) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.
- RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 36, p. 45-56, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br>. Acesso em: jan. 2016.
- SILVA, H. C. da. *Pelas Veredas do /R/ Retroflexo*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.
- SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2003.
- TARALLO, F. *A pesquisa sócio-lingüística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- TARALLO, F. Por uma sociolinguística românica paramétrica: fonologia e sintaxe. *Ensaio de linguística*, Belo Horizonte, v. 13, p. 51-84, 1987.